

**CIÊNCIA EM SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DA OBRA
“ARTEFATOS EM GRAMÁTICA: IDEIAS PARA AULAS DE LÍNGUA”, DE PIRES
DE OLIVEIRA E QUAREZEMIN**

Letícia Emília Kriek¹
Vitor Hochsprung²
Humberto Borges³

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra (Orgs.). **Artefatos em gramática: ideias para aulas de língua**. Florianópolis: DLLV/CCE/UFSC, 2020. 186 p.

Aliar a contribuição científica dos estudos sobre a linguagem às escolhas metodológicas para as aulas de Língua Portuguesa se torna uma das necessidades paulatinamente mais emergentes no ensino básico brasileiro, considerados os resultados preocupantes e estagnados que o Brasil vem obtendo em nivelamentos de leitura, resolução de problemas matemáticos e ciência. Os resultados de 2018 do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) mostraram que os estudantes brasileiros tiveram baixo desempenho nesses quesitos de avaliação, figurando nas seguintes faixas do ranking: 55º-59º em leitura; 69º-72º em matemática; e 64º-67º em ciência (BRASIL, 2020). Destaca-se que Portugal, cujas aulas de Língua Portuguesa têm sido gradativamente guiadas por metodologias científicas (cf. COSTA *et al.*, 2011), obteve desempenho na faixa entre 20º-26º em leitura (BRASIL, 2020).

Compreender que a língua não é um simples instrumento comunicativo, mas um sistema lógico, cognitivo e organizado é essencial para combater procedimentos mecanizados e normativos. É o que propuseram Costa *et al.* (2011, p. 14) ao afirmar que o ensino de gramática nas escolas portuguesas deveria ser “orientado para detecção de regularidades da língua, com mobilização para situações de uso após sistematização”. Estamos alinhados à ideia de abordar a(s) língua(s) na educação básica por meio de uma abordagem reflexivo-científica que

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. Graduada em Letras – Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestranda em Linguística pela mesma universidade. ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-4392-4193>>. E-mail: leticiaekriek@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-3772-266X>>. E-mail: hochsvitor@gmail.com.

³ Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí – Goiás – Brasil. Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), com período sanduíche na University of Michigan. Professor adjunto de Linguística e Formação de Professores de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Jataí (UFJ). ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-5492-7264>>. E-mail: humbertoborges@ufj.edu.br.

considere o que o aluno já traz para a escola como língua e não ignore seu uso natural. O professor, no entanto, pode se colocar diante de tarefas desafiadoras ao tentar se desprender de metodologias tradicionais e optar por alternativas que percebam a língua sob um viés científico no exercício da profissão.

É nesse sentido que recomendamos, para os professores de Língua Portuguesa e todos aqueles interessados em propostas metodológicas que entendam a língua sob uma perspectiva científica, o e-book *Artefatos de gramática: ideias para aulas de língua*, organizado pelas professoras Roberta Pires de Oliveira e Sandra Quarezemin. Ambas as professoras atuam na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrando aulas e orientando alunos na graduação e na pós-graduação. Roberta Pires de Oliveira trabalha principalmente com semântica formal, enquanto Sandra Quarezemin foca seus trabalhos na sintaxe cartográfica.

O material é resultado de trabalhos expostos em uma Feira de Linguística realizada em 23 de fevereiro de 2019, a partir de uma ação de extensão que ocorreu na UFSC entre 18 e 23 de fevereiro de 2019, com as finalidades de refletir sobre o ensino de linguística em contexto escolar e arquitetar propostas que o contemplem. Ao final, a publicação contou com sete capítulos, resultantes de projetos apresentados na feira, que exibem artefatos em gramática que podem ser praticados em contexto escolar, constituindo-se ideias para professores aplicarem e replicarem com seus estudantes.

O artefato que principia o material é *O método científico e a Olimpíada de Linguística na escola: reflexões e possibilidades para as aulas de gramática*, de Gabriel Walter Fuchsberger (UFSC) e Isabella Flud (UFSC). Após uma pertinente abordagem acerca da relevância da educação científica no Brasil aplicada às linguagens e uma contextualização sobre a Olimpíada Brasileira de Linguística (doravante OBL), os autores delineiam a proposta, que foca na valorização da diversidade linguística que temos ao redor do mundo e nas múltiplas possibilidades que ela pode trazer para discutir sobre as línguas com os estudantes em sala de aula. Para isso, utilizam da OBL como recurso, caracterizando de que maneira ela pode se constituir favorável a uma abordagem científica da linguagem em meio escolar. Como os autores sustentam, o método pode ser um excelente aliado, já que promove o contato do participante com a riqueza das línguas naturais, além de incentivá-lo a vislumbrarem-nas enquanto patrimônio histórico e cultural, segundo Faraco (2008).

Além disso, a OBL consiste em excelente recurso para explorar a heterogeneidade linguística, afastando-as de um discurso que as encaixe entre superiores ou inferiores umas às outras, ou, internamente a elas, à dicotomia “certo” ou “errado” – aqui, apenas há o que é

produtivo em acordo com os parâmetros subjacentes a cada língua. Como sugestão de trabalho com a OBL, Fuchsberger e Flud (2020, p. 45) ainda sugerem que

o professor pode começar a resolver questões das edições passadas, consultar os gabaritos comentados e também assistir às resoluções do canal da OBL do YouTube. Também pode criar os seus próprios exercícios que abracem a Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica das línguas naturais, mapear os dialetos falados nas turmas, criar gramáticas ou fragmentos de gramática, estudar as línguas artificiais, testar intuição, entre muitas outras possibilidades, a tantas quantas o professor se abrir.

Buscando a mesma ideia de fuga do tradicionalismo metodológico, Gabriele Damin de Souza (UFSC), Marilete Severo (Unisul/UFSC), Nathália Costa Frederico Maziero (UFSC) e Nicole Martins (UFSC) propõem um jogo no capítulo subsequente *Decifrando: práticas linguísticas em sala de aula*. O jogo “Decifrando”, que intitula o capítulo, consiste em uma tentativa de decifrar códigos secretos. O aluno, colocado na posição de cientista, teria de usar seus conhecimentos implícitos acerca de língua e linguagem para decifrar códigos manipulados conscientemente. De acordo com as autoras, “o professor deixa de ser o protagonista do processo ensino e aprendizagem e usa o jogo como instrumento para fazer mediação entre o conhecimento que o aluno possui (implícito) e aquele que ele deve alcançar (explícito)” (DAMIN DE SOUZA *et al.*, 2020, p. 52). Essa proposta se encaixa na teoria chomskyana de que a faculdade da linguagem é algo inato aos seres humanos, uma vez que a gramática internalizada do aluno e seus conhecimentos implícitos acerca da língua que fala são objetos indispensáveis para a criação de um código linguístico novo.

Os dois primeiros capítulos da obra incentivam o leitor a trabalhar a Linguística em sala de aula por meio de atividades lúdicas, como jogos, desafios e práticas que exijam raciocínio lógico e reflexão. Essa perspectiva, assim como as outras que serão apresentadas, caminham na direção contrária às metodologias tradicionais, que entendem o ensino de língua como memorização de regras normativas.

O material, ainda, traz propostas significativas para o trabalho a partir de dicionários, sob uma perspectiva científica, em ambiente escolar. É o caso de *Dicionário de conexões de palavras na escola: uma tarefa visual com base no léxico mental*, de Cristiane Martins de Paula Luz (UFSC) e Rafael Zaccaron (UFSC), que busca desenvolver reflexões sobre a organização dos dicionários em relação ao modo como o léxico mental se estrutura, como uma rede de conexões. A proposta sugere que os estudantes criem um projeto “dicionário visual/mental” que reflita mais precisamente o modo como a organização lexical é dada na mente. A proposta é interessantíssima, pois, além de trazer tal relevante discussão, pode ser interdisciplinar e

aberta à colaboração de outras turmas mesmo após a sua finalização, por exemplo. Como mencionam os autores, “[é] um trabalho que envolve pesquisa, demanda curiosidade, desperta questionamentos e favorece o trabalho em equipe” (LUZ; ZACCARON, 2020, p. 82), além de levar o aprendiz a refletir sobre a língua na organização de seu léxico.

Em *Construindo dicionários de onomatopeias com o auxílio do lúdico e de novas tecnologias*, paralelamente, Beatriz Martins Rachadel (UFSC), Damaris Matias Silveira (UFSC) e Diego Rodrigues Lopes (UFSC) propõem outra opção muito relevante para o trabalho com dicionário, porém, agora, sugerindo a elaboração de dicionários de onomatopeias. A proposta é adaptável a alunos do sexto ano do ensino fundamental, por meio de um dicionário físico que propõe interface com o lúdico, e ao nono ano, através de um dicionário on-line de sons. Trata-se de um projeto muito relevante à finalidade de trabalhar os sons e sua representação escrita, bem como aspectos como a variação linguística. Com ele, os estudantes são estimulados a desenvolverem sua consciência fonológica e, por consequência, sua intuição linguística.

No quinto capítulo, intitulado *Variedade de expressões idiomáticas e gírias das regiões brasileiras onde os alunos da turma nasceram*, Heliene Carvalho Arantes (UFSC) e Renata Simon (UFSC) sugerem um mapeamento sociolinguístico do país. Os lugares a serem contemplados na atividade prática dependerão da região natal do alunado. Embora esteja situada mais no âmbito da sociolinguística, essa prática conversa com a concepção de ensino defendida pelos estudiosos da teoria gerativa, que busca trabalhar com a língua que os alunos trazem para escola enquanto falantes. De acordo com as autoras, o estudo acerca de variações linguísticas contribui para o entendimento da língua enquanto parte da identidade e cultura de uma população, diminuindo a propagação de crenças linguisticamente preconceituosas. A ideia para se fazer o mapeamento é que os alunos pesquisem expressões e gírias com colegas de outros estados. Essa ação de coleta de dados é parte da metodologia científica, o que é bastante positivo para que os estudantes entendam esse universo e reflitam cientificamente sobre a língua que falam.

O próximo capítulo também parte de uma metodologia científica, entretanto, concentra-se em âmbitos mais formais do que o anterior. Karina Zendron da Cunha (FURB) e Martha Machado Porto (PUCRS), em *Pausa para respirar: o papel da pontuação na leitura*, desmistificam a ideia reforçada no ensino tradicional de que a pontuação serve para indicar uma pausa no texto. Para tanto, as autoras realizaram um experimento: duas informantes (uma, aluna de graduação; a outra, aluna de mestrado) tiveram de ler um texto duas vezes, sendo a primeira

para conhecimento e a outra, uma releitura. As pesquisadoras catalogaram seis tipos de pausa: a causada por ponto final, por vírgula, a pausa sem pontuação, a causada por quebra de constituinte, por hesitação e por alongamento. O programa PRAAT foi utilizado para as análises, que comprovaram as hipóteses de que: nem sempre que há vírgula há pausa; pode haver pausa quando não há vírgula; e sempre que há ponto final há pausa.

Apresentar múltiplas possibilidades para o trabalho com o âmbito da morfologia, por sua vez, é o escopo de *Construindo gramáticas: uma breve reflexão sobre o estudo do sufixo -inho na escola*, de Camila Caroline Rezende (UFSC), Livia de Mello Reis (UFSC/IFSC) e Rosana da Silva Sauner Clesar (UFSC). Nessa proposta, as autoras utilizam do rico sufixo -inho como objeto para um projeto que busca levar em conta a consciência linguística do aluno para compreender o comportamento do morfema em cada caso de adjunção. A partir de um levantamento de *corpus*, as autoras percebem que esse sufixo se apresenta em situações além daquelas previstas pelas gramáticas tradicionais. Esses manuais não costumam apresentar, por exemplo, ocorrências do sufixo adjungido a verbos ou em situações que não expressam necessariamente sentido diminutivo. Assim, a análise de dados possibilita uma rica discussão, entre os alunos e sob intermédio do professor, sobre o uso do sufixo a partir de seus conhecimentos gramaticais internalizados. Por esse motivo, essa é mais uma excelente proposta abarcada pelo material para estimular a reflexão sobre a língua sob perspectiva científica.

Finalizamos esta resenha enaltecendo a aliança com a perspectiva teórica do material resenhado. Consideramos importantíssimo que os professores de língua(s) busquem cada vez mais alternativas metodológicas que procurem analisar a língua sob um ponto de vista científico e reflexivo. Acreditamos, também, assim como alguns dos capítulos detalhados acima, na importância da interdisciplinaridade na escola, uma vez que a Linguística pode receber muitas contribuições de outras ciências, desde a lógica que parte da matemática até os contextos históricos trabalhados em disciplinas da área de humanas, passando também – e bastante – pelas ciências naturais. Cabe aos professores a busca frequente por atualizações e propostas que podem de fato contribuir com o ensino. Nesse sentido, recomendamos o material para profissionais de Letras e acadêmicos das áreas de Letras e Linguística que se interessam pela relação entre Linguística e Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf. Acesso em: 2 ago. 2021.

COSTA, João *et al.* **Conhecimento explícito da língua**: guião de implementação do programa de português do ensino básico. Lisboa: Ministério da Educação, 2011.

DAMIN DE SOUZA, Gabriele *et al.* Decifrando: práticas linguísticas em sala de aula. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra (Orgs.). **Artefatos em gramática**: ideias para aulas de língua. Florianópolis: DLLV/CCE/UFSC, 2020. 186 p.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FUCHSBERGER, Gabriel Walter; FLUD, Isabella. O método científico e a Olimpíada de Linguística na escola: reflexões e possibilidades para as aulas de gramática. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra (Orgs.). **Artefatos em gramática**: ideias para aulas de língua. Florianópolis: DLLV/CCE/UFSC, 2020. 186 p.

LUZ, Cristiane Martins de Paula; ZACCARON, Rafael. Dicionário de conexões de palavras na escola: uma tarefa visual com base no léxico mental. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra (Orgs.). **Artefatos em gramática**: ideias para aulas de língua. Florianópolis: DLLV/CCE/UFSC, 2020. 186 p.

Submetida: 12/01/2021

Aceita: 11/08/2021